



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13413 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

**A RESSIGNIFICAÇÃO NO CURRÍCULO CULTURAL: UMA PRÁTICA DE RESISTÊNCIA**

Welington Santana Silva Júnior - UFSCAR/SOROCABA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

### **A RESSIGNIFICAÇÃO NO CURRÍCULO CULTURAL: UMA PRÁTICA DE RESISTÊNCIA**

**Resumo:** Atualmente, a sociedade globalizada e multicultural, tem posto à escola uma educação com foco na uniformização das maneiras de ser da cultura predominante e hegemônica, sendo essa neoliberal. É no campo da resistência a essa imposição que se encontra o Currículo Cultural da Educação Física. Pautado nas teorias pós-críticas de currículo, visa para além da luta por uma sociedade justa, potencializar outras formas de vida, na qual a diferença é afirmada como condição de existência. Observa-se nas pesquisas produzidas sobre essa proposta curricular a ausência de estudos acerca de vários de seus encaminhamentos didático-metodológicos, dentre os quais o da resignificação. Diante desses apontamentos, esta pesquisa de mestrado desenvolvida na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), teve como objetivo ampliar a conceitualização da resignificação na prática docente e nas vivências discentes. Para realizar tal empreitada, tomou como ferramentas conceituais: a governamentalidade e a contraconduta desenvolvidas por Michel Foucault. Os caminhos da investigação foram fundidos por meio da autoetnografia. Os resultados indicam que a resignificação emergiu nas ações de resistência que teve como efeito a contraconduta, em um processo que fortaleceu o plano de imanência aos acontecimentos da aula.

**Palavras-chave:** Currículo, Currículo Cultural, Governamentalidade, Contraconduta, Educação Física.

## Introdução

O currículo é um campo de luta por significação e por formação de identidade, no qual os conhecimentos selecionados estabelecem a conexão entre a cultura, a linguagem e o poder, que implica na produção de representações acerca do docente, do discente e dos temas de estudo. Sendo assim, o currículo é uma prática social (SILVA, 2017). Para Hall (1997), uma prática social produz identidades transitórias, que resistem às tentativas de fixação de seu significado e aos dispositivos de normatização, características da sociedade multicultural.

Para Neira e Nunes (2006, 2009), a sociedade multicultural é um processo contínuo de produção e comunicação de significados, na qual as famílias, grupos diversos e meios de comunicação disputam o controle da representação, a fim de fazer valer seus modos de ver o mundo e passá-los às novas gerações. Para Hall (2003), o movimento multicultural explica as características da sociedade e os problemas de governamentalidade pertinentes nas diferentes comunidades formadas por culturas distintas, convivem juntas, e procuram construir uma vida comum ao tentarem manter suas identidades.

Nesse cenário multicultural, as culturas entram em conflito por cada uma delas possuírem distintos significados. É diante dessas situações que Neira e Nunes (2006; 2009) propõem uma pedagogia cultural da Educação Física: o Currículo Cultural. Nessa proposta, apontam alguns princípios ético-políticos: afirmação da diferença; ancoragem social dos conhecimentos; evitar o daltonismo cultural; promover a justiça curricular e a descolonização curricular. Também sugerem alguns encaminhamentos didático-metodológicos: mapeamento, leitura das práticas corporais, ampliação, aprofundamento, ressignificação, registro e avaliação. É por meio desses princípios e encaminhamentos que o Currículo Cultural procura acessar os discursos que produziram e produzem as práticas corporais, a fim de fazer com que os discentes percebam como os sujeitos são governados por eles.

Nas pesquisas a respeito do Currículo Cultural, até o momento, esses encaminhamentos didático-metodológicos propostos não receberam a devida atenção. Diante desse dado, focamos esforços na ressignificação, visto que a entendemos como aspecto determinante para que os alunos produzam outros modos de ver, dizer, pensar e agir acerca das representações das práticas corporais e de seus representantes que acessam nas aulas e no seu cotidiano. Desse modo, objetivamos notar o acontecimento da ressignificação nas aulas como seus possíveis efeitos na produção discursiva das representações tematizadas, que podem incidir na própria subjetividade. Essa meta nos mobilizou a indagar: como se dá a ressignificação na prática pedagógica? Quais os efeitos dela no processo de compreensão e transformação de uma prática corporal? Como o docente opera as aulas diante dos efeitos da ressignificação? Qual a potência desse encaminhamento para a transgressão dos limites normativos que as práticas corporais impõem aos seus sujeitos?

Para responder essas questões, adotamos a metodologia autoetnográfica (SANTOS,

2017). Por meio dela, elaboramos um relato de prática advindo das vivências e ações pedagógicas durante os dois semestres no ano de 2019. As experiências foram com turmas de 3ºs e 4ºs anos do ensino fundamental I, em uma escola pública no município de Sorocaba, interior de São Paulo. O tema escolhido e que percorreu todo o ano foi o basquete <sup>[1]</sup>.

As vivências das aulas, enunciados, conflitos e discussões diversas foram registradas em um diário de bordo, por meio de anotações, fotos, filmagens e gravação de voz. Ao final do ano letivo, produzimos um relato de prática e o analisamos através das noções de governamentalidade e contraconduta, formuladas por Foucault (2008).

Adotamos a noção de governamentalidade por ser um conceito relacionado às práticas que governam condutas das pessoas por meio de uma racionalidade específica, que visa produzir sujeitos governáveis. A contraconduta se faz presente nesse processo de governo dos sujeitos, no qual a revolta ou resistência de uma conduta incide na produção de outras, que implicam em novas ou diferentes formas de se conduzir. Trata-se de uma ação de resistência relacionada à afirmação daqueles que não desejam ser governados de certa maneira e lógica de governo (FOUCAULT, 2008).

## **Método**

De acordo com Santos (2017), a autoetnografia conduz o pesquisador por meio de registros em um diário narrar sua própria vida/experiência. Trata-se de um método referente à construção de um relato de práticas que se dá a partir de si mesmo e, que se equilibra em três orientações: análise - se refere a uma orientação metodológica em que a base é etnográfica e analítica; interpretação - emerge pelos fatores vividos pelo pesquisador e por sua relação com o objeto de pesquisa, cuja orientação é cultural, para compreender ou interpretar os fatores vividos a partir dos registros; e reflexão - que se desenvolve neste modelo de investigação através da consciência, avaliação e reavaliação feita pelo pesquisador referente às suas contribuições para os resultados dos estudos.

## **Análise e discussão de resultados**

Nas primeiras vivências, conforme as leituras efetuadas pelos alunos e alunas acerca do basquete, tivemos as primeiras experiências com o jogo, nas quais as crianças jogaram conforme compreendiam e interpretavam essa prática corporal. Cada turma apresentou uma forma de jogar; algumas semelhantes, outras bem distintas. Em todas as situações de jogo houve muita confusão. Notamos também uma proximidade com o basquete profissional, que nos fez planejar aulas para melhor tematizá-lo.

Começamos assistindo ao vídeo de um jogo de basquete profissional, atividade que possibilitou que as crianças notassem diversos aspectos, dentre eles, o modo de como as

regras regulam o jogo. Entendemos que isso nos permitiria compreender melhor os problemas ocorridos com os primeiros jogos. Depois da discussão, propusemos que pensassem em um jogo que fosse possível e que resolvessem os problemas gerados nos anteriores. As crianças sugeriram algumas regras para controlar a ação dos jogadores e melhor organizar o jogo:

*Montar times menores;*

*Separar os times por coletes.*

*Não tomar à bola a força;*

*Não demorar em quicar a bola, se demorar tem que fazer o passe ou arremessar.*

Após, discutimos novamente sobre as experiências controladas pelas regras propostas ou sem regras, algumas crianças indicaram as regras como importantes para o desenvolvimento do jogo, outras para evitar acidentes. No entanto, houve também questionamentos quanto às limitações impostas por elas, por impedir de jogarem como gostariam, de vivenciar o jogo sem muitas interrupções diante das faltas e outras técnicas de controle.

Além dos jogos do basquete profissional, assistimos a vídeos do youtube de representantes dessa prática corporal, nos quais discutiam as formas de jogar e as regras desse esporte. As leituras e interpretações realizadas pelas crianças lhes permitiram melhorar a prática e até as gestualidades requeridas.

Em dado momento das aulas, as cestas de basquete se quebraram, gerando outro problema: de que forma poderemos jogar o basquete sem as cestas? ”

*Com arcos (bambolês);*

*Com cestos de lixo;*

*Usando baldes;*

*Acertando a bola nos travessões dos gols;*

Interessante notarmos que as crianças não desistiram do basquete, ao invés disso, criaram outras possibilidades e insistiram na vivência desse esporte. Além desse fato, se mobilizaram junto à direção da escola para a compra de novas tabelas. Uma ação de resistência que resultou não somente em outros modos de jogar, mas, também, numa atitude política.

Das diversas leituras efetuadas sobre o basquete, destacamos aquelas que abordaram as súmulas do jogo e o modo de comunicação dos árbitros com os mesários. Ao perceberem a

complexidade dos gestos, as crianças, novamente, resistiram a essas técnicas de gerenciamento do jogo. Como efeito, trocaram a comunicação gestual pela verbal, além de construírem outros tipos de súmulas, com outras formas de organização. Notaram a importância da comunicação dos árbitros com os mesários, e da identificação dos jogadores. Leitura do jogo que mobilizou algumas meninas a confeccionarem camisetas com números, nomes e alguns adornos para as vivências.

Com o intuito de ampliar as leituras do basquete, convidamos alguns praticantes para uma experiência na escola. Num primeiro momento, tivemos a visita de um jogador profissional, que concedeu entrevista e promoveu vivências de treinos com movimentações específicas do basquete, ainda não vivenciadas em aula. Ao iniciarmos a tematização do basquete urbano, que emergiu das leituras das crianças, convidamos um grupo de jogadores do basquete 3x3 e *Streetball*. Esses, também nos concederam entrevistas e diferentes vivências dessa modalidade nos moldes como ela se dá nas ruas e parques da cidade. Atividades que possibilitaram a produção de outras regras e formas de jogar o basquete urbano:

*Professor, vamos fazer 4x4.*

*Queremos jogar todos ao mesmo tempo, no 4x4 ninguém fica na reserva.*

Devido às leituras do basquete profissional e do 3x3, surgiram outras ideias.

*Queria jogar o 3x3, mas usando as duas cestas.*

Por que?

*Porque sim, é mais legal.*

No 3x3, de acordo com as regras, o time é composto por 4 jogadores, em que 3 jogam e um fica na reserva. A resistência esteve presente justamente aí, todos queriam jogar ao mesmo tempo, sem jogador reserva, e assim, jogariam o maior tempo possível da aula. Em relação à ideia de jogar o 3x3 usando as duas cestas, também entendemos como uma resistência ao modo de jogar essa modalidade. Segundo os alunos, isso tornaria o jogo mais interessante.

Para Gallo (2017), a resistência pode ser uma maneira de afirmar a vida de modo que vai além de todo governo atuante, em que resistir é re-existir, ou seja, existir novamente na afirmação dela própria. Uma resistência que inicia com o sujeito percebendo o processo da sua formação, em seguida, na resistência da governamentalidade envolvida nesse movimento formativo. Mediante essas observações, entendemos que a criação e negação de outras regras do basquete, teve relação com a resistência, ou seja: primeiro, as crianças se perceberam sujeitos livres para atuarem na aula mesmo sendo governadas pelo basquete, pela escola, pela

aula, pelo professor; segundo, elas resistiram aos modos de governo próprios do jogo; por fim, criaram outras formas de jogar, uma ação de contraconduta, isto é, são governadas, mas de outro modo, de um jeito construído coletivamente em meio aos dissensos e às relações de poder que se estabelecem em meio às aulas, potencializadas pelas diversas leituras, interpretações e negociações de sentido fomentadas no processo.

Segundo Foucault (2008), a contraconduta tem o intuito de definir e esclarecer as revoltas de condutas que emergem através das práticas de resistência, que, geralmente, são produzidas por meio de alguns questionamentos, como: por quem aceitamos ser conduzidos? Como queremos ser conduzidos? Em direção ao que queremos ser conduzidos? Questões que mostram que por mais que as revoltas de conduta sejam específicas em sua forma e objetivo, jamais são autônomas. Sempre estão presas a certos processos de subjetivação e desejo.

### **Considerações finais**

As situações descritas nos permitiram perceber a possibilidade de construir outras formas de representar o basquete. Desse modo, as crianças notaram que poderiam não resistir somente às técnicas de governo postas para suas conduções, mas produzirem outras. Compreenderam que as identidades não são fixas para sempre e que, ao transgredirem certos limites que as definem, podem assumir a identidade de produtoras culturais.

Percebemos também, que a resignificação, por ter emergido em diferentes momentos nas aulas diante das diversas problematizações, resistências e contracondutas discentes, escapa de um encaminhamento didático-metodológico, não condiz com um caminho a ser seguido, como pauta a literatura do Currículo Cultural. Aqui à resignificamos! Os resultados produzidos pela pesquisa indicam que ela se dá no devir da aula, está sempre em disputa e pode ocorrer a qualquer momento durante as tematizações do tema em estudo e é o que impede a identidade fixa da representação.

### **REFERÊNCIAS**

- FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território e População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GALLO, SÍLVIO. Biopolítica e subjetividade: resistência? **Educar Em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 33, n. 66, out./dez. 2017, p. 77-94.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. In **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n.2, 1997, p. 15-46.
- HALL, Stuart. **A questão multicultural**. In: Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representações da Unesco no Brasil, 2003, p. 51-100.

NEIRA, Marcos Garcia.; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Pedagogia da Cultura Corporal**. São Paulo: Phorte editora, 2006.

NEIRA, Marcos Garcia.; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte editora, 2009.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: autores perspectivas e desafios. **Plural, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP**, São Paulo, v.24. n.1, 2017, p. 214-241.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

---

[1] Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas.